HOMOFOBIA DURANTE A INFÂNCIA: UM ESTUDO EM MEMÓRIA

Beatriz de Gênova Rodrigues
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0005-1844-0922
Endereço eletrônico: genova.beatriz@gmail.com

João Diógenes Ferreira dos Santos
Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia, Brasil
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-5924-9773
Endereço eletrônico: jdfsantos@uefs.br

Palavras-chave: memória; juventude, infância; homofobia; LGBTQIAPN+.

INTRODUÇÃO

A presente investigação parte de um estudo que está sendo realizado em nível de mestrado, cuja idealização e desenvolvimento foram motivados pelo interesse em pesquisar as memórias tecidas pelos jovens universitários LGBTQIAPN+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binários e demais orientações e identidades de gênero), da cidade de Vitória da Conquista, Bahia, sobre as experiências de violência homofóbica vivenciadas durante a infância.

As pessoas de sexualidade e gênero dissidentes, historicamente, têm suas histórias de vidas dificultadas, obstruídas, silenciadas ou apagadas. Isto posto, a pesquisa se torna relevante na medida em que contribui para trazer visibilidade social a esses sujeitos, quando, por meio da pesquisa, reconstruir-se-á as memórias, as vivências e as experiências vividas durante a infância.

No panorama da nova desordem global, a homofobia não entrou nas páginas da história como passado, pelo contrário, a manutenção das posições hierarquizadas das instâncias institucionais garantiu a sustentação sexo-gênero-sexualidade no padrão da heteronormatividade. Segundo Louro (2007):

> Através de estratégias e táticas aparentes ou sutis reafirma-se o princípio de

> que os seres humanos nascem como macho ou fêmea e que seu sexo – definido sem hesitação em uma destas duas categorias – vai indicar um de dois gêneros possíveis – masculino ou feminino – e conduzirá a uma única forma normal de desejo, que é o desejo pelo sujeito de sexo/ gênero oposto ao seu. (Louro, 2007, p.87)

Quem foge à norma padrão se torna vítima do preconceito que será o responsável por desqualificar sexualidades, identidades, comportamentos e características. Deste modo, temos como objetivo geral: Entender como jovens universitários LGBTQIAPN+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binários e demais orientações e identidades de gênero), da cidade de Vitória da Conquista-Bahia, entendem e reconstroem as memórias das violências homofóbicas sofridas durante a infância.

METODOLOGIA

Trata-se de pesquisa qualitativa, que está no processo de construção, com as (os) discentes de duas Universidades (Universidade Estadual do Sudoeste Baiano – UESB – e Universidade Federal da Bahia – UFBA), situadas na cidade de Vitória da Conquista, Bahia, com o aporte teórico e metodológico nas análises das categorias e dos dados (Minayo, 2010). Para isso, serão utilizados essencialmente e com destaque os seguintes referenciais teóricos voltados aos estudos da memória, Maurice Halbwachs (2023) e Michael Pollak (1989). Nessa seara, esta pesquisa está alicerçada nas seguintes categorias: memórias, juventude universitária, relações de gênero, identidades de gênero e sexualidade, orientação sexual, infância e homofobia.

O estudo se centra no recurso metodológico das entrevistas semiestruturadas. Os critérios estabelecidos para a escolha das (os) entrevistadas (os) serão jovens que se autodeclaram LGBTQIAPN+, estudantes da UESB e a UFBA, sendo os respectivos campi situados na cidade de Vitória da Conquista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A infância é um dos principais períodos de desenvolvimento do ser humano, tanto no aspecto físico quanto psíquico e cognitivo, compreendido cronologicamente, dentro dos parâmetros legais, como determina Estatuto das Crianças e dos Adolescentes-ECA, entre 0 e 12 anos incompletos, no entanto, no ponto de vista histórico, cultural e social, ostros parâmetros que definem o que ser criança no país É nesse período que o sujeito começa a

formar a sua própria identidade e personalidade, principalmente através da exposição a diferentes situações de socialização e convívio social.

Nesse contexto, a ação dos adultos responsáveis pelo bebê ou pela criança se volta para suprir as próprias expectativas sobre a identidade de gênero e orientação sexual do novo indivíduo em formação, conforme sinalizado por Silva (2007). Essas projeções de expectativas se manifestam de maneira tangível, a masculinidade sendo forjada em características como a agressividade, força e seriedade emocional, e a feminilidade em sensibilidade, amorosidade, fragilidade e cuidado.

Judith Butler (2015) argumenta que a heteronormatividade e as regras de comportamento de gênero atuam em uma instituição regulada e punitivista das normas binárias, entrelaçando sexo, gênero, orientação sexual e manifestação corporal, excluindo, a partir disso, todas as identidades dissidentes. Isto posto, as crianças, a partir do nascimento, são expostas a essas normas.

> A criança é um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto. A polícia do gênero vigia o berço dos seres vivos que estão por nascer, para transformá-los em crianças heterossexuais. A norma faz sua ronda em torno dos corpos frágeis. Se você não for heterossexual, a morte o espera. A polícia do gênero exige qualidades diferentes do garotinho e da garotinha. Ela molda os corpos a fim de desenhar órgãos sexuais complementares. Ela prepara a reprodução, da escola até o Parlamento, industrializa-a (Preciado, 2020, p. 70).

Nesse cenário de tentativa de padronização de condutas sociais, a homofobia surge como um fenômeno de atitudes de hostilidade em relação não somente à população LGBTQIAPN+ (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binários e demais orientações e identidades de gênero), mas também contra qualquer indivíduo que não se enquadre nas condutas comportamentais do sistema binário "normal" e "anormal" (Borrilho, 2015).

Conforme relatório divulgado pela Aliança Nacional LGBTI+ (2025), no ano de 2024, 90% dos estudantes de nível fundamental e médio participantes da pesquisa afirmaram terem sido vítimas de algum tipo de agressão verbal direcionada à orientação sexual e/ou à não conformidade com os padrões "tradicionais" de masculinidade e feminilidade; na perspectiva de violência física, 34% sinalizaram terem sido vítimas de agressões.

Portanto, este estudo justifica-se pela escassez de investigações que adotem a

perspectiva da infância no cenário de violência homofóbica. Busca-se, com isso, trazer visibilidade aos percursos que as imposições heteronormativas imprimem no sujeito.

CONCLUSÕES

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, ainda não é possível apresentar conclusões, contudo, temos como pressupostos que parcela significativa das(os) participantes da pesquisa construíram suas narrativas a partir das diferentes formas da violência homofóbica. Ademais, essas recordações são uma reconstrução do passado vivido com base nas experiências presentes.

Outrossim, inferimos que as(os) entrevistadas(os) acessaram em seus quadros de memória os pontos de referência para reconstruir esse passado e dar sentido às lembranças da infância, seja eles, a família, religião, classe social. Assim, esperamos que as discussões e resultados que serão alcançados possam ampliar as discussões e reflexões acerca do tema para além os espaços acadêmicos.

REFERÊNCIAS

ALIANÇA NACIONAL LGBTI+. **Pesquisa nacional sobre o bullying no ambiente educacional brasileiro**: livro eletrônico. Curitiba, PR: IBDSEX, 2025. Disponível em: https://aliancalgbti.org.br/relatorio-pesquisa-nacional-sobre-o-bullying/. Acesso em: 15 mai. 2026.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 1. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília, DF: Presidência da República, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 12 mai. 2026.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

HALBWACHS, Maurice. **Os quadros sociais da memória**. Tradução de Antonio Fontoura. Curitiba: antoniofontoura, 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

SILVA, R. D. Refletindo sobre as questões de gênero em sala de aula. **Travessias**, Cascavel, v. 11, n. 1, p. 15–23, jan./abr. 2017. Disponível em: http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/16638. Acesso em: 18 mai. 2026.